

cotidiano

Yanomamis desaparecidos foram achados, diz líder indígena para a PF

Suposto sumiço ocorreu em uma reserva em Roraima e foi denunciado pelo conselho de saúde

João Gabriel e
Fabio Serapião

BRASÍLIA O líder indígena Júnior Hekurari disse em depoimento à Polícia Federal na quinta-feira (5) que alguns yanomamis supostamente desaparecidos após confronto com garimpeiros foram encontrados.

O desaparecimento dos indígenas na reserva Yanomami em Roraima foi denunciado na última semana pelo conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami e Ye'kwana (Condisi-YY), entidade presidida por Hekurari.

Segundo o relato de Hekurari à PF, os indígenas que moravam na comunidade de Aracaçá se mudaram para outros locais da terra indígena e parte deles reside agora em uma comunidade chamada Palimíú.

Como mostrou a Folha, a PF vai instalar uma base de seis meses na região para tratar da escalada da violência dos garimpeiros contra os indígenas. A tensão entre yanomamis e garimpeiros em Roraima desmontou no final de abril com a denúncia de que uma jovem indígena de 12 anos teria sido sequestrada, estuprada e assassinada. Após a denúncia, a Polícia Federal esteve na terra indígena e disse não ter encontrado indícios do crime. A conclusão foi divulgada em nota assinada pelo Ministério Público Federal, pela Funai (Fundação Nacional do Índio) e pela Secretaria Especial de Saúde Indígena.

A investigação sobre o caso, no entanto, continua em andamento. Quando a força tarefa dos órgãos foi à comunidade de Aracaçá investigar a morte da jovem de 12 anos, encontrou o lugar completamente vazio e casas queimadas.

De início, não se soube o que causara o desaparecimento, mas a própria Condisi já tra-



Protesto em defesa dos povos yanomamis em frente à Funai, em Brasília. Leticia/Folhapress

balhava com a possibilidade de que se tratasse de uma tradição da aldeia, de quemar e deixar o local de habitação após a morte de um parente — como os indígenas se referem aos próprios.

“Esses indígenas foram cogitados e instruídos a não relatar qualquer ocorrência que tenha acontecido na região, dificultando a investigação da Polícia Federal e Ministério Público Federal, que acabaram relatando não haver qualquer indício de estupro ou desaparecimento de criança”, afirma uma nota da entidade indígena.

“Alguns indígenas relataram que não poderiam falar, pois teriam recebido 5 g de ouro dos garimpeiros para manter o silêncio”, diz o documento.

A falta de explicação para o caso — já que não se descartava a possibilidade de um ataque de garimpeiros, uma vez que a região é de conflito — fez com que o caso tivesse grande repercussão nas redes sociais.

Isso mobilizou, inclusive, deputados e senadores, que planejam realizar uma viagem para o local para se encontrar com lideranças indígenas e autoridades locais.

A região tem um largo histórico de conflitos. Um relatório da entidade Hutukara Associação Yanomami aponta ainda que a comunidade Aracaçá está “em vias de desaparecimento”, diz que parte dos indígenas já não produzem a própria comida (o que os deixa à mercê da alimentação dos garimpeiros)

e que a introdução de bebidas alcoólicas e doenças pelo garimpo é outra ameaça.

A Aracaçá fica próxima da região de Palimíú onde, em 2021, diversas comunidades indígenas foram atacadas por garimpeiros armados.

Polícia reafirma não ter indícios sobre estupro de menina

João Paulo Pires

BOA VISTA A Polícia Federal afirmou nesta sexta-feira (6) que, até o momento, as investigações não encontraram indícios sobre os supostos cri-

mes de estupro de uma adolescente yanomami e sobre o sumiço de uma outra criança da mesma etnia da comunidade de Aracaçá, na Terra Indígena Yanomami, em Roraima.

Nesta sexta, o delegado da Polícia Federal e titular da investigação, Daniel Pinheiro Leite, disse que durante os dias 27 e 28 de abril o órgão realizou diligências na região de Aracaçá para investigar estupro ou homicídio de indígenas.

“Na localidade do Aracaçá, quando chegamos, os indígenas que moram hoje lá não nos relataram nenhum ato de violência que tenha ocorrido lá naqueles dias imediatamente e sobre esses fatos da denúncia recente. Não confirmaram que nenhuma crian-

ça de 12 anos foi estuprada e em seguida morta por garimpeiros e nem sobre a criança afogada”, afirmou o delegado.

No entanto, ele não descartou que o fato tenha ocorrido em outro momento. “Não estou dizendo que não aconteceu. A investigação continua tramitando. Só estou dizendo que lá, quando chegamos, essa informação não ocorreu”.

O delegado disse acreditar que a denúncia se originou de uma falha de comunicação gerada a partir de um “conflito de narrativas”. Ele sugeriu que os relatos de crimes teriam começado após a apresentação de um vídeo a um líder indígena por um servidor da Funai.

O vídeo é de autoria do Instituto Socioambiental e traz um o depoimento de um indígena não identificado sobre garimpeiros exigirem favores sexuais de mulheres e crianças yanomami em troca de comida. A peça, de acordo com Pinheiro, faz parte da divulgação de um relatório elaborado pela instituição e que trata sobre violência contra a etnia.

Ao assistir o material, segundo o delegado, a liderança teria dito que teria “muita preocupação de que esse fato esteja ocorrendo na comunidade do Aracaçá”, que seria a comunidade de seus familiares.

“Essa informação foi passada para outro indígena. Este segundo teria tomado a informação como um fato acontecido no Aracaçá, repassou para outra liderança, que a tornou pública como um fato ocorrido, com riqueza de detalhes”, declarou o delegado.

Pinheiro afirma que as investigações também não apontam para o desaparecimento de indígenas nem para a relação do fato com o incêndio causado na aldeia. “A morte de alguma pessoa da família, o que pode levar a essa medida como um luto da comunidade. Só que essa possibilidade nos trouxe mais indícios ainda de que não houve uma morte violenta no local, porque nenhum dos componentes da comunidade estava de luto. Falavam conosco de maneira tranquila sobre a situação”, disse. “A queima da maloca parece estar relacionada a uma movimentação da etnia para outras localidades”.

Três adolescentes são esfaqueados por colega em escola do Rio

RIO DE JANEIRO Três adolescentes foram esfaqueados em uma escola municipal na Ilha do Governador, zona norte do Rio, nesta sexta-feira (6). Segundo a Secretaria Municipal de Educação, um menino e duas meninas com idades entre 13 e 14 anos tiveram ferimentos leves.

De acordo com a pasta, os jovens da Escola Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes foram feridos por um outro estudante. “O aluno que esfaqueou os colegas é menor de idade e está acompanhado da Patrulha Escolar e do Conselho Tutelar”, disse a secretaria em nota.

A Polícia Militar diz que foi

acionada e aguarda a chegada dos pais do aluno para registro da ocorrência e medidas cabíveis. “O policiamento na região está intensificado, com uma viatura de prontidão no local para garantir a tranquilidade para o fluxo de entrada e saída dos estudantes”, afirmou a corporação em nota.

Quando visitou a escola, na manhã desta sexta, o prefeito Eduardo Paes (PSD) afirmou que um pouco antes do feriado da Semana Santa o jovem de 14 anos apresentou problemas psicológicos e comportamento agressivo. Em razão disso, a diretora da escola o encaminhou para um centro de atenção psicosso-

cial da prefeitura.

“Pelo que soube até agora do tratamento psicológico que ele estava recebendo, infelizmente não houve tempo para que fosse identificado [o problema] e até eventualmente afastá-lo”, disse o prefeito, explicando que ainda não há informações sobre se o menino sofria bullying.

Ainda segundo Paes, um professor conseguiu intervir durante o ataque e imobilizou o jovem usando uma cadeira. “Graças a Deus e à coragem de um professor as crianças estão sem qualquer risco e perigo”, afirmou.

Já de acordo com o delegado Marcus Henrique, respon-

“Pelo que soube até agora do tratamento psicológico que ele estava recebendo, infelizmente não houve tempo para que fosse identificado [o problema] e até eventualmente afastá-lo”

Eduardo Paes (PSD) prefeito do Rio de Janeiro

sável pelo caso, o adolescente foi encaminhado ao hospital com um ferimento no dedo. O delegado afirmou também que o jovem apresentava problemas psicológicos.

“Eu conversei com a mãe e, segundo ela, ele já vinha apresentando alterações no comportamento. Ele já fazia tratamento psicológico e, hoje, aconteceu essa tragédia”, disse o delegado, acrescentando que ainda não se sabe a motivação do ataque.

No ano passado, um massacre que deixou 12 crianças mortas em uma escola de Realengo, na zona oeste do Rio, completou dez anos.

No dia 7 de abril de 2011, Wel-

lington Menezes de Oliveira, 23, abriu fogo contra alunos da escola municipal Tasso da Silveira, em Realengo, onde também estudou, e se matou em seguida. Entre os mortos, estão dez meninas e dois meninos, com idades entre 12 e 15 anos. Mais de dez crianças ficaram feridas.

Wellington entrou na escola por volta das 8h, dizendo que daria uma palestra. Conversou com algumas pessoas e seguiu em direção a duas salas de aula do 8º ano, onde entrou atirando com dois revólveres.

Durante o tiroteio, um garoto, ferido, conseguiu escapar e avisar a Polícia Militar.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Pai exemplar, viveu para a caridade e propagou a fé

GENILSON DOS REIS DA CRUZ (1969-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO A maior parte dos 52 anos de vida de Genilson dos Reis da Cruz foi dedicada a ajudar o próximo e a Deus.

Baiano de Salvador, aos 13 anos, ele perdeu o pai num acidente automobilístico e, consequentemente, a convivência diária com os seis irmãos, pois passou a ser criada pelos avós.

Por volta dos 17 anos, começou a frequentar a igreja Assembleia de Deus e mudou-se para São Paulo.

Ao mesmo tempo em que construía sua vida, colaborava para a propagação da palavra que sempre acreditou. “A vida sem Jesus não presta”, dizia com frequência.

Genilson construiu congregações da Assembleia de Deus em Rosana, dirigiu as sedes

de Regente Feijó e Presidente Bernardes e fundou uma em Juquiá — todas cidades do interior paulista. Também teve forte atuação nas unidades localizadas em Cotia e Vargem Grande Paulista, ambas na região metropolitana de São Paulo.

Em 2008, retornou à Bahia e continuou o trabalho de implantação de mais igrejas naquele estado e em outros locais do Nordeste.

De costumes simples e sem ambições, Genilson cursou o ensino médio e abriu mão de seguir uma profissão em prol da igreja.

A vida o presenteou com

o amor de uma família. Para os filhos pode deixar grandes exemplos da generosidade que tanto praticava.

“Se fosse necessário, ele tirava de dentro de casa para doar a quem precisasse. Fez o bem até poucos dias antes de morrer.”

Nos últimos dias de vida, meu pai fez de tudo para ajudar na arrecadação de recursos para a construção de novas igrejas”, conta a jornalista Elisama Reis da Cruz, 26, sua filha.

Genilson era um homem alegre e brincalhão. Nem doente deixou de sorrir. Como pai, foi o melhor amigo, ex-

celente conselheiro e aberto a qualquer tipo de conversa. Orgulhava-se por ter uma filha jornalista e não parecia temer a morte. “Se eu morrer, o importante é que estarei ao lado de Jesus”, dizia.

“Ele nos ensinou a confiar em Jesus e graças a esse ensinamento hoje eu sinto um conforto muito grande”, afirma Elisama.

Genilson dos Reis da Cruz

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-9800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (9h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-2300, das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para chegarem das informações.

7º DIA

COMENDADOR MARIO ANTÔNIO PAPINI JÚNIOR Sábado (7/5) às 15h, Paróquia Nossa Senhora do Carmo da Acimação, Acimação, São Paulo (SP)